

Comentário ao Da Memória e da Reminiscência

<https://isidore.co/aquinas/english/MemoriaReminiscentia.htm>

- [LIÇÃO UM](#)
- [LIÇÃO DOIS](#)
- [LIÇÃO TRÊS](#)
- [LIÇÃO QUATRO](#)
- [LIÇÃO QUINTA](#)
- [LIÇÃO SEXTA](#)
- [LIÇÃO SETE](#)

LIÇÃO UM

298. Como o Filósofo diz no sétimo livro *Sobre a História dos Animais*, a natureza procede gradualmente do inanimado para o animado, de modo que o gênero das coisas inanimadas é encontrado antes do gênero das plantas. Quando o gênero das plantas é comparado a outros corpos, parece ser animado, mas, comparado ao gênero dos animais, inanimado. (A natureza) procede similarmente das plantas aos animais em uma certa ordem contínua; pois certos animais imóveis, que se fixam à terra, parecem diferir pouco das plantas. Da mesma forma, na progressão dos animais ao homem, encontram-se certos animais nos quais aparece alguma semelhança de razão. Embora a prudência seja uma virtude própria do homem (pois a prudência é a reta razão concernente às coisas a serem feitas, como é dito no sétimo livro da *Ética*), alguns animais, no entanto, são encontrados participando de uma espécie de prudência. A posse da razão não é a causa disso; é antes que esses animais são movidos a realizar certas obras por um instinto natural (que opera) através da apreensão dos sentidos, como se estivessem operando pela razão. Além disso, pertence à prudência dirigir alguém por uma consideração não apenas das circunstâncias presentes, mas também dos eventos passados, naqueles cursos de ação que estão à mão. Por essa razão, Cícero, em sua *Retórica*, propõe como partes da prudência não apenas a previsão, pela qual o futuro é planejado, mas também a compreensão, pela qual o presente é considerado, e a memória, pela qual o passado é apreendido. Daí é necessário que haja também em outros animais, que mostram uma semelhança participada de prudência, não apenas um sentido para o presente, mas também uma memória do passado. Portanto, o Filósofo, no início da *Metafísica*, diz que em certos animais a memória é formada a partir dos sentidos, e por essa conta eles são prudentes.

299. Mas assim como os animais têm uma prudência imperfeita comparada ao homem, também têm uma memória imperfeita. Pois os outros animais apenas lembram, mas os homens tanto lembram quanto recordam. Portanto, Aristóteles, procedendo passo a passo, trata da memória e da reminiscência após o livro no qual considerou os sentidos que são comuns a todos os animais. Uma destas (a reminiscência) é encontrada apenas no homem, mas a outra (a memória) é encontrada tanto nos homens quanto nos animais perfeitos.

300. Este livro divide-se em duas partes: primeiro ele (Aristóteles) apresenta um prefácio no qual mostra o que propõe fazer; em seguida, procede a tratar daquelas coisas que tem em mente, nas palavras: "Primeiro, portanto, etc."

Quanto ao primeiro ponto, ele diz que duas coisas devem ser discutidas. A primeira a ser discutida é a memória, e o lembrar, que é o seu ato. Sobre a memória e o lembrar, ele promete discutir três pontos: primeiro, o que é a memória e o que é o lembrar; depois, qual é a sua causa; e, finalmente, a que parte da alma pertence a paixão do lembrar. Pois todas as operações dos sentidos são certas paixões, na medida em que sentir algo é sofrê-lo.

301. Em seguida, ele diz que discutirá a reminiscência. Mas para que a reminiscência e o lembrar não pareçam ser a mesma coisa, ele acrescenta um certo sinal de sua diferença, tomado do

homem no qual ambos são encontrados. Pois os mesmos homens não são bons em lembrar e em recordar. Antes, como frequentemente acontece, aqueles que são melhores em lembrar são lentos na descoberta e no aprendizado; aqueles, no entanto, que são rápidos em descobrir por si mesmos e em aprender com os outros, são melhores em recordar.

302. A razão para isso é que as diversas aptidões que os homens têm para as obras da alma dependem de diversas disposições do corpo. Assim, vemos nas coisas físicas que aquelas que recebem uma impressão lentamente e com dificuldade a retêm bem; por exemplo, a pedra; mas aquelas que a recebem facilmente não a retêm bem; por exemplo, a água. Ora, como lembrar não é outra coisa senão conservar bem o que uma vez foi recebido, portanto, aqueles que são lentos em receber retêm bem o que receberam, e isso é lembrar bem. Mas aqueles que recebem facilmente perdem a maior parte facilmente. A reminiscência, no entanto, é uma certa redescoberta de algo previamente recebido, mas não conservado. Portanto, aqueles que são bons em descobrir e em receber instrução também são bons em recordar.

303. Em seguida, quando ele diz: "Primeiro, de fato, etc.", ele executa sua proposta. Primeiro ele explica o lembrar; depois, a recordar, nas palavras: "Sobre a reminiscência, o que resta dizer é, etc." Quanto ao primeiro, ele faz três pontos: mostra o que é o lembrar; depois, a que parte da alma pertence, nas palavras: "Pois da imaginação, etc."; e, finalmente, a causa pela qual opera, nas palavras: "No entanto, alguém poderia questionar, etc."

Agora, como potências, hábitos e operações são especificados por seus objetos, ele faz uma dupla consideração sobre o primeiro assunto; a saber, a memória. Primeiro ele investiga o objeto da memória; em seguida, conclui definindo-o, nas palavras: "A memória, portanto, é, etc." Sobre o objeto da memória, ele discute duas coisas. Primeiro ele declara sua intenção; depois mostra o que propôs fazer, onde diz: "Nem o futuro, etc." Ele diz, portanto, que para alcançar conhecimento sobre a memória é necessário primeiro descobrir que tipo de coisas são objetos da memória. (Ele segue esta ordem) porque os objetos são anteriores aos atos, e os atos às potências, como foi dito no segundo livro *Sobre a Alma*. É necessário alcançar este conhecimento porque o engano ocorre frequentemente neste ponto, já que algumas pessoas dizem que a memória é sobre coisas das quais não é.

304. Em seguida, quando ele diz: "Pois nem, etc.", ele mostra o que propôs fazer (a saber, determinar o objeto da memória). Primeiro ele diz que a memória não é de coisas futuras, e depois que não é de coisas presentes, nas palavras: "Nem do presente, etc." Finalmente (ele determina que a memória) é de coisas passadas, nas palavras: "A memória é do que foi completado, etc."

Ele diz que o lembrar não é de coisas futuras. Antes, temos opinião de coisas futuras por parte das faculdades cognoscitivas, quando, por exemplo, alguém opina que algo vai acontecer. Por parte das faculdades apetitivas, então, há esperança, pois a esperança tende a algum evento futuro em algum momento. Ele diz, além disso, que pode até haver uma certa ciência de eventos futuros, que seria uma ciência que prediz. Algumas pessoas chamam isso de adivinhação porque podem saber por ela o que poderia acontecer no futuro, sobre o qual há expectativa. Mas como a esperança é de coisas futuras que o homem pode obter, enquanto os eventos futuros dos quais falamos são contingências futuras, e destas não pode haver ciência, parece que não pode haver nenhuma ciência que prediz o futuro.

305. Devemos acrescentar que não pode haver ciência das contingências futuras consideradas em si mesmas, mas quando essas contingências futuras são examinadas em suas causas, pode haver uma ciência delas, na medida em que algumas ciências sabem que certas coisas estão confinadas (a produzir) determinados efeitos. Este é o modo pelo qual a ciência natural considera as coisas geráveis e corruptíveis. De maneira semelhante, os astrólogos, por sua ciência, podem fazer previsões sobre eventos futuros esperados. Por exemplo, (eles podem fazer previsões) sobre fertilidade ou esterilidade, por causa das posições dos corpos celestes que influenciam tais efeitos.

306. Então, quando ele diz: "Nem do presente, etc.", ele mostra que a memória não é do presente. Mas ele diz que o presente pertence aos sentidos, pelos quais não conhecemos nem o futuro, nem o que está completo, ou seja, o passado, mas apenas o presente.

307. Em seguida, quando ele diz: "A memória, no entanto, etc.", ele explica que a memória é de coisas passadas. A prova disso ele tira do uso comum da linguagem. Quando um objeto está presente; por exemplo, quando alguém está vendo um objeto branco no momento, ninguém diria que se lembra do objeto branco. Da mesma forma, ninguém diz que se lembra do que está realmente considerando intelectualmente, quando está realmente considerando e entendendo isso. Mas comumente, quando os homens veem um objeto branco, dizem que o sentem, e considerar algo atualmente é chamado apenas de conhecer. Mas quando alguém tem conhecimento habitual e uma faculdade sensitiva sem suas operações ou atos, diz-se então que se lembra de atos passados; quando, por exemplo, ele apreende intelectualmente que um triângulo tem três ângulos iguais a dois ângulos retos e talvez veja sensivelmente o contorno da figura. Do lado da operação intelectual, ele se lembra porque aprendeu de outro ou porque pensou por si mesmo; do lado da apreensão sensível, ele se lembra porque ouviu, viu ou percebeu por algum outro sentido. Pois em toda instância em que a alma se lembra, ela afirma que ouviu, sentiu ou entendeu algo primeiro.

308. Pela exposição anterior, fica evidente que o Filósofo não pretende dizer que a memória não pode ser de coisas que estão no presente, como se fosse apenas daquelas que estavam no passado. Pois os homens podem se lembrar não apenas daquelas pessoas que morreram, mas também das vivas; e alguém pode até ser dito lembrar-se de si mesmo, como escreveu Virgílio: "Ulisses suportou, nem o Itacense naquela grave aflição se esqueceu de si mesmo." Com isso, ele quer que se entenda que Ulisses se lembrava de si mesmo. Assim, a intenção do Filósofo é afirmar que a memória é do passado em relação à nossa apreensão; ou seja, previamente sentimos ou entendemos alguns objetos, e não faz diferença se essas coisas consideradas em si mesmas estão no presente ou não.

309. Então, quando ele diz: "A memória é, portanto, etc.", ele conclui do que foi dito o que é a memória. A memória não é sentido, porque o sentido é apenas do presente, nem opinião, que pode pertencer ao futuro. No entanto, a memória deve pertencer a algo desses, seja pelo modo de um hábito; por exemplo, se é algum poder permanente, ou pelo modo de uma paixão; por exemplo, se é uma impressão transitória. Agora, é assim que a memória pertence ao sentido ou à opinião: quando algum período de tempo intervém entre a apreensão anterior dos sentidos ou da opinião intelectual e a memória subsequente deles, então é possível ter memória da apreensão passada. Pois, como dissemos, uma coisa que é apreendida agora não pode ser lembrada no 'agora'. É o sentido que é do presente, a esperança, claro, do futuro, e a memória do passado. Assim, é

necessário que, para tudo o que é lembrado, haja algum tempo intervindo entre a memória e a apreensão anterior.

310. Da análise anterior, ele conclui que apenas os animais que sentem o tempo podem se lembrar; e eles se lembram pela parte da alma pela qual sentem o tempo. Sobre isso, ele investiga na seção seguinte.

LIÇÃO DOIS

311. Depois que o Filósofo mostrou o que é a memória, ele agora explica a que parte da alma ela pertence. Sobre isso, ele faz duas coisas. Primeiro, ele prefacia um certo ponto que é necessário para o que ele se propõe a fazer, nas palavras: "Grandeza e movimento, no entanto, etc."

Sobre o primeiro, ele faz a introdução pretendida; em seguida, ele exemplifica, onde diz: "Pois a mesma paixão acontece, etc."; finalmente, ele mostra qual aspecto disso deve ser explicado em outro lugar, nas palavras: "Portanto, por esta razão, etc." Portanto, ele primeiro nota que no livro *Sobre a Alma* ele explicou o que é a imaginação, ou seja, um movimento feito pelo sentido em ato. No mesmo livro, ele também mostrou que os homens não entendem sem um fantasma.

312. Então, quando ele diz: "Pois a mesma paixão acontece, etc.", ele prova o que acabou de dizer. Poderia parecer incongruente para alguém que um homem não possa entender sem um fantasma, já que o fantasma é a semelhança da coisa física, enquanto o entendimento é de universais, que são abstraídos dos particulares. Portanto, para manifestar isso, ele dá o seguinte exemplo. Acontece que o intelecto precisa de um fantasma, assim como acontece no desenho de uma figura geométrica em que um triângulo é desenhado, deve ser de alguma quantidade determinada, embora o geômetra em sua demonstração não use uma quantidade determinada de triângulo. Da mesma forma, um homem que deseja entender algum objeto coloca diante de seus olhos (recorda) um fantasma de alguma quantidade determinada, na medida em que é singular; por exemplo, desejando entender o homem, a imaginação propõe (uma imagem de) algum homem de três pés de altura; mas o intelecto entende o homem na medida em que ele é homem, não na medida em que ele tem essa quantidade particular.

313. No entanto, porque o intelecto pode entender a natureza da quantidade, ele nota que se os objetos a serem entendidos são por natureza quantificados, por exemplo, linha, superfície e número — mas não definidos, ou seja, limitados por uma determinação de singularidade —, ainda assim, ele deve apresentar a si mesmo uma imagem de uma quantidade determinada. Ocorre, por exemplo, a um homem que deseja entender 'linha', um fantasma de uma linha de dois pés, mas o intelecto entende 'linha' apenas de acordo com a natureza da quantidade, e não como sendo 'de dois pés'.

314. Então, quando ele diz: "Por esta razão, etc.", ele esclarece por que esse ponto é reservado, e diz que há outra razão que mostra por que o homem não pode entender nada sem o contínuo e o tempo, na medida em que o homem não pode entender nada sem um fantasma. Pois um fantasma deve estar conectado com o extenso e o tempo, pelo próprio fato de ser uma semelhança de uma coisa singular que está 'aqui e agora', e isso não pode ser entendido sem um fantasma. A razão pela qual o homem não pode entender sem um fantasma pode ser facilmente dada no caso da primeira recepção das espécies inteligíveis, que são abstraídas dos fantasmas, de acordo com a doutrina de Aristóteles no terceiro livro *Sobre a Alma*. Mas também é evidente pela experiência que aquele que já adquiriu conhecimento inteligível através de espécies apreendidas no

entendimento não pode realmente considerar o que sabe a menos que tenha algum fantasma. Por esta razão também, uma lesão no órgão da imaginação impede o homem não apenas de entender algo novo, mas também de considerar o que ele entendeu anteriormente, como é evidente nos insanos.

315. No entanto, alguém poderia objetar aqui que as espécies inteligíveis não permanecem no intelecto possível humano, exceto enquanto uma pessoa está realmente entendendo. Então, depois que uma pessoa não está mais realmente entendendo, as espécies inteligíveis desaparecem e deixam de estar no intelecto, da mesma forma que a luz deixa de estar no ar quando um corpo iluminador está ausente. Assim, é necessário, se o intelecto quiser entender de novo, voltar novamente aos fantasmas para adquirir espécies inteligíveis.

316. Essa (objeção) é expressamente contrária às palavras de Aristóteles encontradas no terceiro livro *Sobre a Alma*. Ele diz lá que, uma vez que o intelecto possível se torna os diversos objetos inteligíveis através de suas espécies, ele está então em potência para realmente entendê-los. (A afirmação acima) também é irracional, pois as espécies inteligíveis são recebidas atualmente no intelecto possível de forma imóvel, de acordo com seu próprio modo; e assim o intelecto possível tem espécies inteligíveis mesmo quando não está realmente entendendo.

Isso não é o mesmo que nas faculdades sensitivas, nas quais, como resultado da composição do órgão físico, é uma coisa receber uma impressão, que é sentir atualmente; e outra reter, quando as coisas não estão sendo realmente sentidas, como Avicena objeta. (O fato de que o intelecto possível tem espécies inteligíveis mesmo quando não está realmente entendendo) é um efeito dos diversos graus de ser das formas inteligíveis, que podem estar ou em potência pura, como na descoberta ou aprendido; ou em ato puro, como quando se está realmente entendendo; ou, finalmente, no meio-termo entre potência e ato, que é estar no estado de um hábito.

O intelecto humano possível, portanto, necessita de um fantasma não apenas para adquirir as espécies inteligíveis, mas também para, de certa forma, inspecioná-las nos fantasmas. É o que se afirma no terceiro livro *Sobre a Alma*. Portanto, o intelecto compreende as espécies nos fantasmas.

317. A razão para este (modo de compreensão) é que a operação é proporcionada à faculdade e à essência. O intelecto humano, no entanto, reside na parte sensitiva, como é dito no segundo livro *Sobre a Alma*. Assim, sua operação própria é compreender objetos inteligíveis nos fantasmas, assim como a operação (própria) do intelecto de uma substância separada é compreender objetos inteligíveis em si mesmos. A causa dos diferentes modos de compreensão é dada pelo metafísico, que considera os diversos graus do intelecto.

318. Em seguida, quando ele diz: "*Magnitude e movimento, no entanto, etc.*", ele mostra a qual parte da alma pertence a memória: primeiro, por meio de uma razão; depois, por meio de indícios, onde ele diz: "*Por isso, em outros, etc.*"; finalmente, conclui o que se propôs a fazer, onde diz: "*De qual parte, portanto, etc.*" Ele afirma, em primeiro lugar, que é necessário que a magnitude e o movimento sejam conhecidos pela mesma parte da alma pela qual o tempo é conhecido. Pois esses três estão conectados tanto em sua divisão quanto naquilo que constitui o infinito e o finito, como é provado no sexto livro da *Física*.

319. A magnitude, no entanto, é conhecida pelos sentidos, pois é um dos sensíveis comuns. De modo semelhante, o movimento, especialmente o movimento local, é conhecido na medida em que a distância de uma magnitude é conhecida. Mas o tempo é conhecido na medida em que o anterior e o posterior no movimento são conhecidos. Por essa razão, esses três podem ser percebidos pelos sentidos. Ora, uma coisa é percebida pelos sentidos de duas maneiras. De uma maneira (a coisa é percebida) através de uma modificação operada nos sentidos por um objeto sensível; e assim, tanto os sensíveis próprios quanto os comuns são conhecidos pelos sentidos próprios e pelo sentido comum. De outra maneira, algo é conhecido por um movimento secundário que permanece após a primeira modificação operada nos sentidos pelo objeto sensível. Esse movimento permanece, às vezes, mesmo depois que os objetos sensíveis desapareceram e pertence ao fantasma, como foi considerado no livro *Sobre a Alma*. Mas a fantasia, na medida em que aparece através desse movimento secundário, é uma paixão do sentido comum, pois segue toda a modificação operada nos sentidos, que começa a partir dos sensíveis próprios e termina no sentido comum. Consequentemente, fica claro que esses três, a saber, magnitude, movimento e tempo, enquanto estão em um fantasma, são compreendidos e conhecidos pelo sentido comum.

320. Além disso, a memória não é apenas de objetos sensíveis – por exemplo, quando alguém se lembra de que sentiu; mas é também de objetos inteligíveis – por exemplo, quando alguém se lembra de que entendeu. Isso, no entanto, não ocorre sem um fantasma. Pois os objetos sensíveis, depois de terem passado, não são percebidos pelos sentidos exceto em um fantasma; a compreensão também não ocorre sem um fantasma, como foi observado acima. Por essa razão, ele conclui que a memória pertence à parte intelectual da alma, mas apenas acidentalmente; pertence essencialmente ao primeiro elemento sensitivo, o sentido comum. Ora, foi dito acima que um homem, ao compreender, representa para si uma quantidade determinada no fantasma, mesmo que o intelecto em si considere uma coisa ausente.

Mas a apreensão do tempo pertence à memória segundo uma determinação certa, a saber, uma distância no passado a partir do instante presente. Portanto, a memória pertence essencialmente à aparição dos fantasmas; acidentalmente, ao juízo do intelecto.

321. Pode parecer a alguém, a partir do que foi dito aqui, que a imaginação e a memória não são faculdades distintas do sentido comum, mas certas paixões dele. No entanto, Avicena mostra razoavelmente que as faculdades são diversas. Como as faculdades sensitivas são atos de órgãos físicos, é necessário que a recepção das formas sensíveis, que pertence aos sentidos, e a sua conservação, que pertence à imaginação ou fantasia, pertençam a faculdades diversas. Como vemos nas coisas físicas, a recepção pertence a um princípio e a conservação a outro, pois as coisas úmidas são bastante receptivas, mas as coisas secas e duras são mais conservadoras. Da mesma forma, pertence a um princípio receber uma forma, a outro conservar a forma recebida pelos sentidos, e a um outro ainda perceber alguma significação não apreendida pelos sentidos. Embora a faculdade estimativa perceba (a significação) mesmo em outros animais, a faculdade memorativa a retém. Ela funciona lembrando uma coisa, não absolutamente, mas como foi apreendida no passado pelos sentidos ou pelo intelecto.

322. Assim, acontece que, entre faculdades diversas, uma é como a raiz e a origem das outras, e seus próprios atos pressupõem o ato da primeira faculdade. Por exemplo, a função nutritiva é como a raiz das funções de crescimento e reprodução; cada uma delas usa o nutriente. Da mesma

forma, o sentido comum é a raiz da fantasia e da memória, que pressupõem o ato do sentido comum.

323. Em seguida, quando ele diz: "*Por isso, em outros, etc.*", ele manifesta o que disse por meio de dois indícios. O primeiro indício é retirado do caso dos animais que possuem memória. Como a memória é essencialmente do primeiro elemento sensitivo, ele diz que ela é encontrada em certos outros animais que possuem sentidos e carecem de intelecto, e não apenas no homem e em certos outros que têm opinião – que pode pertencer ao intelecto especulativo – e prudência – que pertence ao intelecto prático. Se a memória fosse algo intelectual, ela não estaria em muitos outros animais, nos quais é certo que há memória e, no entanto, nenhum intelecto.

324. Ele diz, além disso, "talvez" porque algumas pessoas se perguntaram se certos animais, além do homem, possuem um intelecto, devido a certas ações que se assemelham a obras da razão, como as ações de macacos e certos animais semelhantes.

325. O segundo indício ele apresenta, onde diz: "*Visto que, não, etc.*", e é retirado de animais que não possuem memória. Ele diz que fica claro que a memória pertence essencialmente à parte sensitiva, porque, mesmo agora, quando supomos que o homem, entre os mortais, é o único que tem intelecto, a memória não se encontra em todos os animais, mas apenas aqueles que sentem o tempo possuem memória. Pois certos animais não percebem nada a menos que estejam na presença de coisas sensíveis, como certos animais imóveis, que, por essa razão, têm uma imaginação indeterminada, como é dito no segundo e terceiro livros *Sobre a Alma*.

Por essa razão, eles não podem conhecer o anterior e o posterior e, conseqüentemente, não têm memória. Pois sempre que a alma age pela memória, como foi dito antes, ela sente ao mesmo tempo que viu, ouviu ou aprendeu esta coisa anteriormente. Ora, o anterior e o posterior pertencem ao tempo.

326. Em seguida, quando ele diz: "*De qual parte, portanto, etc.*", ele conclui o que se propôs a fazer. Ele diz que a parte da alma à qual a memória pertence está clara a partir do que foi dito, porque pertence àquela parte à qual a imaginação pertence, e porque as coisas que são objetos essenciais da memória são aquelas das quais temos fantasmas, a saber, os objetos sensíveis, enquanto as coisas inteligíveis, que não são apreendidas pelo homem sem a imaginação, são objetos acidentais da memória. Por essa razão, não podemos lembrar bem daquelas coisas que têm uma consideração sutil e espiritual; os objetos que são grosseiros e sensíveis são melhores objetos de memória. É necessário, se desejamos facilitar a lembrança de razões inteligíveis, vinculá-las a certos fantasmas, como Cícero ensina em sua *Retórica*. No entanto, a memória é colocada por alguns na parte intelectual, na medida em que a memória é entendida como toda conservação habitual daquelas coisas que pertencem à parte intelectual da alma.

LIÇÃO TRÊS

327. Agora que o Filósofo mostrou o que é a memória e a qual parte da alma ela pertence, ele mostra aqui a causa do lembrar.

Quanto a isso, ele faz duas coisas: primeiro, menciona uma dúvida; depois, resolve-a, onde diz: "Ou é, como acontece, etc."

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas: primeiro, menciona a dúvida; depois, indica algo que a dúvida supõe, onde diz: "Pois é claro, já que é necessário, etc."; finalmente, apresenta razões relativas à questão, nas palavras: "Mas se tais ocorrências, etc."

Portanto, ele diz primeiro que alguém pode se perguntar por que, ao lembrar, lembramos da coisa que não está presente e não lembramos da paixão presente, pois ao lembrar, uma certa paixão afeta a alma no presente, mas as coisas lembradas estão ausentes.

328. Então, quando ele diz: "Pois é claro, já que é necessário, etc.", ele esclarece a coisa que havia pressuposto; ou seja, que uma certa paixão está na alma enquanto lembramos. Primeiro, ele manifesta isso por meio de uma causa; depois, por meio de sinais, onde diz: "Por essa razão, naqueles, etc."

Ele diz, portanto, primeiro, que é obviamente necessário entender que alguma paixão desse tipo foi feita pelos sentidos na alma e no órgão do corpo animado. Pois dizemos que a memória da alma é uma espécie de hábito e que a paixão é como uma imagem, porque a coisa sensível imprime sua semelhança nos sentidos, e essa semelhança permanece na imaginação, mesmo quando a coisa sensível está ausente. Portanto, ele acrescenta que o movimento feito nos sentidos pela coisa sensível imprime algo como uma figura sensível na imaginação, que permanece mesmo na ausência da coisa sensível, da mesma forma que aqueles que selam com anéis imprimem uma certa figura na cera, que permanece mesmo quando o selo ou anel é removido.

329. Ele diz: "Na alma e em parte do corpo", porque a paixão, que é um ato do corpo orgânico, pertence à parte sensitiva; não pertence apenas à alma, mas ao composto. Além disso, ele chama a memória de hábito dessa parte porque a memória está na parte sensitiva, e retemos, por assim dizer, habitualmente aquelas coisas que conservamos na memória, quando não as estamos apreendendo atualmente.

330. Então, quando ele diz: "Por essa razão, naqueles, etc.", ele manifesta o que propôs por meio de sinais, ou seja, que ao lembrar, a paixão acima mencionada está presente. Ele diz que, já que tal experiência é necessária para a memória, acontece que certas pessoas não têm memória porque estão envolvidas em grande movimento, seja por causa de um estado aflito do corpo, como nos enfermos ou nos ébrios, ou por causa da alma, como naqueles excitados pela ira ou concupiscência. Isso também acontece se alguém está em uma idade marcada pelo crescimento ou declínio. Pois, por meio de tais causas, o corpo do homem está em certo fluxo; e, portanto, não

pode reter uma impressão que é feita a partir do movimento de uma coisa sensível, como aconteceria se algum movimento ou mesmo um selo fosse impresso em água corrente. A figura desapareceria imediatamente por causa do fluxo.

331. Além disso, em alguns outros, a impressão anteriormente mencionada não é recebida. Às vezes, acontece por causa da frieza que congela os humores, como naqueles que estão com grande medo; pois, por causa da frieza, nada pode ser impresso em suas almas. Ele dá (aqui) o exemplo de edifícios antigos. A parede, quando é nova e antes que o cimento tenha endurecido, pode ser facilmente alterada, mas não depois de endurecida. Às vezes, não acontece por causa da frieza, mas por causa da dureza natural do que deve receber a paixão. Pois os corpos terrosos são duros, mesmo que sejam quentes, mas os corpos aquosos são endurecidos pelo congelamento. Pelas razões dadas acima, aqueles que são muito jovens, como meninos, e também os idosos, são deficientes em memória, porque os corpos dos meninos estão em movimento constante por causa do crescimento; os idosos, por outro lado, por causa do declínio. Portanto, uma impressão não é bem retida em nenhum (dos grupos).

332. No entanto, acontece que as coisas que se recebe na infância são firmemente retidas na memória por causa da veemência do movimento, assim como acontece que as coisas sobre as quais nos maravilhamos são mais impressas na memória. Nós nos maravilhamos especialmente, no entanto, com o novo e o incomum: daí uma maior admiração pelas coisas, como se fossem incomuns, afeta os jovens que estão conhecendo o mundo pela primeira vez; por essa razão, eles se lembram firmemente. No entanto, por causa da disposição de seu corpo em mudança, é seu destino serem fracos na memória; Ele acrescenta, além disso, que, de modo semelhante, pelas razões dadas anteriormente, nem aqueles que são especialmente rápidos em apreender, nem aqueles que são muito lentos são bons em lembrar.

Aqueles que são especialmente rápidos são mais úmidos do que deveriam ser, pois é fácil para o úmido receber impressões. Mas aqueles que são mais lentos também são mais duros e, portanto, a impressão do fantasma não permanece tão prontamente na alma. "No entanto, não toca o duro"; ou seja, eles não recebem a impressão do fantasma.

333. O que foi dito pode ser explicado de outra forma, de modo que se leria, primeiro, que ele designou o movimento superveniente como a causa do defeito de memória, que, depois, ele manifestou pelo exemplo dos jovens e idosos. Então, em segundo lugar, ele designou uma causa a partir de uma disposição natural, pois o humor aquoso, que é frio e úmido, abunda em alguns e, portanto, as impressões dos fantasmas são facilmente dissipadas neles, como edifícios antigos colapsam facilmente; enquanto em outros, o humor terroso abunda e, assim, eles não recebem a impressão por causa de sua dureza. Depois, ele manifesta isso por meio do exemplo daqueles que são rápidos e lentos (ao apreender).

334. Também deve ser considerado que ele disse anteriormente que a impressão do fantasma é feita na alma e em parte do corpo, para que depois pudesse mostrar que os homens são relacionados de forma diferente em relação a uma impressão desse tipo por causa de diversas disposições do corpo.

335. Então, quando ele diz: "Mas se tais ocorrências, etc.", ele argumenta sobre a questão levantada anteriormente. Primeiro, tendo manifestado o que supôs, ele retoma a questão. Ele diz que se isso acontece com relação à memória, ou seja, que há uma certa paixão presente nela, como em uma imagem, deve-se perguntar se uma pessoa lembra dessa paixão que está presente em si mesma ao lembrar, ou da coisa sensível da qual essa impressão foi feita.

336. Então, onde ele diz: "Se o primeiro, etc.", ele levanta a objeção a uma solução, dizendo que, se alguém dissesse que o homem lembra da paixão presente, seguir-se-ia que ele não lembraria nada das coisas ausentes, o que vai contra o que já foi decidido.

337. Finalmente, nas palavras: "Se o último, etc.", ele levanta três objeções à outra solução. Ele dá a primeira, dizendo que, se alguém lembra daquela coisa da qual uma paixão foi eliciada, pareceria incongruente que um homem sentisse o que está presente; ou seja, a paixão, e simultaneamente lembrasse o que está ausente, que ele é incapaz de sentir. Pois foi dito que a memória pertence ao primeiro elemento sensitivo (sentido comum); e assim não parece que o sentido é de uma coisa e a memória de outra.

338. Ele apresenta a segunda objeção onde diz: "E se é semelhante, etc." Diz que se uma paixão deste tipo, que está presente naquele que lembra, está em nós como uma certa figura ou imagem dos próprios sentidos, representando a primeira mudança operada nos sentidos pelo objeto sensível, por que a memória seria de outro; ou seja, da coisa e não da própria imagem ou figura? Pois, como o sentido é a figura, é evidente que pode ser apreendida. Além disso, também é evidente pela experiência que aquele que lembra especula intelectualmente sobre essa paixão, e também a sente pela parte sensitiva. No entanto, parece incongruente que, quando uma coisa está presente que cai sob a apreensão, ela mesma não seja apreendida, mas sim outra coisa.

339. Ele oferece a terceira objeção nas palavras: "Como então, etc." Pergunta como alguém poderia lembrar do que não está presente por um Sentido interno. Uma vez que os sentidos externos são conformados aos sentidos internos, seguir-se-ia que os sentidos externos estariam lidando com uma coisa que não está presente, de modo que, por exemplo, alguém veria e ouviria uma coisa não presente, e isso parece questionável.

340. Então, quando diz: "Ou é como acontece, etc.", ele resolve a questão levantada. Primeiro ele mostra a causa do lembrar; em seguida, mostra o que faz com que algo seja bem preservado na memória, onde diz: "Os exercícios, no entanto, etc."; finalmente, ele faz um resumo, nas palavras: "O que, de fato, etc." Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: primeiro, resolve uma dúvida; depois, torna a solução clara por um sinal, onde diz: "E por causa disso, às vezes, etc."

Ele diz, portanto, que se pode explicar como o que foi dito ocorre e acontece, ou seja, que alguém percebe a paixão presente e se lembra da coisa ausente. Ele apresenta o exemplo de um animal pintado numa tábua, que é tanto um animal representado quanto uma imagem de um animal real. Embora ambos os aspectos pertençam ao mesmo sujeito, no entanto, esses aspectos diferem em formalidade. Assim, uma é a consideração dele como animal representado, a outra como ele é a imagem de um animal real. De maneira semelhante, o fantasma, que está em nós, pode ser tomado como algo em si mesmo, ou como é um fantasma de outra coisa. Em si mesmo, deve ser considerado como um tipo de objeto sobre o qual o intelecto especula, ou também a fantasia, na

medida em que pertence à parte sensitiva. Como é um fantasma de outra coisa, que sentimos ou compreendemos anteriormente, é considerado como uma imagem que leva a outra e o princípio do lembrar.

341. Portanto, como a alma lembra no modo de um fantasma, se a alma se volta para ele em si mesmo, ele parece estar presente à alma, seja como algo inteligível que o intelecto contempla no fantasma, ou simplesmente como o fantasma que a faculdade imaginativa apreende. Se a alma se volta para o fantasma na medida em que é o fantasma de outra coisa, e o considera como uma imagem do que anteriormente sentimos ou compreendemos, como foi dito sobre a pintura (por exemplo, se alguém não vê Córisco, mas considera um fantasma dele como a imagem de Córisco), há agora uma outra paixão para essa consideração, e agora isso pertence à memória.

342. Além disso, assim como acontece com o fantasma de algum homem singular, que às vezes é considerado em si mesmo e às vezes como imagem; por exemplo, a imagem de Córisco; assim também acontece com os objetos inteligíveis. Pois às vezes o intelecto olha para um fantasma como para um certo animal representado (e isso ocorre) se o olha em si mesmo, e assim é considerado unicamente como uma certa coisa inteligível; se, no entanto, o intelecto o olha como é uma imagem, será assim um princípio do lembrar, como acontece 'aqui'; i.e., a respeito de coisas particulares.

343. Portanto, é evidente (disso) que, quando a alma se volta para o fantasma, como é uma certa forma reservada na parte sensitiva, há então um ato da imaginação ou da fantasia, ou mesmo do intelecto considerando isso (no) universal. Se, no entanto, a alma se volta para ele como imagem do que anteriormente ouvimos ou compreendemos, isso pertence ao ato de lembrar.

Portanto, porque ser imagem implica uma certa significação sobre uma forma, Avicena diz acertadamente que a memória diz respeito à intenção, a imaginação, à forma apreendida pelos sentidos.

344. Então, quando diz: "E por causa disso, às vezes, etc.", ele esclarece o que disse, por certos sinais. Ele diz que, porque lembramos no momento em que atendemos ao fantasma, na medida em que é a imagem do que anteriormente sentimos e compreendemos, portanto, os homens estão situados em relação ao ato de memória de uma maneira tríplice.

345. Pois às vezes ocorrem em nós movimentos de fantasmas, que são formados a partir do que sentimos e são deixados da primeira mudança de um sentido próprio pela coisa sensível; mas não sabemos se esses movimentos estão em nós porque anteriormente sentimos algo. Assim, perguntamo-nos se estamos lembrando ou não.

346. Então, às vezes acontece que um homem compreende e se recorda de algo porque o fantasma do que (ele) ouviu ou viu anteriormente ocorre então a (ele), o que é propriamente lembrar. Isso acontece quando um homem, que está imaginando um fantasma, é de fato movido pelo próprio fantasma presente; mas o considera na medida em que é a imagem de outro que ele anteriormente sentiu ou compreendeu.

347. Finalmente, o contrário da primeira maneira às vezes acontece, de modo que o homem acredita que lembra quando não lembrou, como aconteceu a um certo homem chamado Antíferon,

que veio de Oretano; e também acontece àqueles que sofrem de perturbação mental. Pois eles pensam que os fantasmas que lhes ocorrem pela primeira vez são, por assim dizer, de alguns eventos anteriores, como se lembrassem daquelas coisas que nunca viram ou ouviram. Isso acontece quando alguém considera o que não é a imagem de outro evento anterior como se fosse sua imagem.

348. Quando então diz: "Os exercícios, no entanto, etc.", ele mostra por que coisas a memória é preservada. Ele diz que as meditações frequentes sobre aquelas coisas que sentimos ou compreendemos preservam sua memória, de modo que alguém se recorda bem das coisas que viu ou compreendeu. A meditação nada mais é do que considerar as coisas muitas vezes como uma imagem de coisas previamente apreendidas e não apenas em si mesmas, cujo modo de preservar pertence à formalidade da memória. Está claro, também, que pelo ato frequente de lembrar o hábito dos objetos memoráveis é fortalecido, como também qualquer hábito (é fortalecido) através de atos semelhantes; e uma multiplicação da causa fortalece o efeito.

349. Então, quando diz: "O que, portanto, etc.", ele resume similarmente o que foi dito. Ele diz que foi notado o que é a memória e o que é lembrar: que a memória é um hábito; i.e., uma certa preservação habitual de um fantasma, não, de fato, em si mesmo (pois isso pertence à faculdade imaginativa), mas na medida em que o fantasma é uma imagem de algo anteriormente sentido. Mostramos também a que parte da alma (das coisas que estão em nós) a memória pertence; ou seja, que pertence ao primeiro elemento sensitivo (sentido comum), na medida em que conhecemos o tempo através dele.

LIÇÃO QUATRO

350. Após o Filósofo ter tomado uma decisão sobre a memória e o lembrar, ele agora resolve a questão da reminiscência. Primeiro, ele diz qual é sua intenção; em seguida, prossegue com o que se propôs a fazer, onde diz: "Pois a reminiscência não é, etc."

Portanto, ele diz primeiro que, após falar sobre a memória, ainda deve falar sobre a reminiscência nesta ordem, de modo que primeiro se suponham como verdades atuais todas aquelas que podem ser compreendidas por raciocínios argumentativos, e assim ele se isenta de uma argumentação prolongada sobre aquilo que pertence à reminiscência.

351. Então, quando diz: "Pois a reminiscência não é, etc.", ele prossegue com o que se propôs a fazer. Sobre isso, ele faz três coisas. Primeiro, mostra que a reminiscência é por comparação a outras apreensões; em seguida, resolve o modo de reminiscir, onde diz: "No entanto, eles têm reminiscência, etc." Finalmente, mostra que tipo de paixão é a reminiscência, onde diz: "Mas isso é uma certa paixão corporal, etc."

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra o que a reminiscência não é; depois, o que ela é, nas palavras: "Mas como então (algo) ocorreria novamente, etc." Sobre o primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, propõe o que pretende; em seguida, manifesta o que se propôs a fazer, nas palavras: "Pois no instante em que alguém aprende pela primeira vez, etc." Diz, portanto, primeiro, que a reminiscência não é nem uma reocorrência da memória, de modo que reminiscir não é nada além de lembrar novamente, nem, tampouco, é a reminiscência a primeira aquisição de algum objeto cognoscível; por exemplo, o que é formado pelos sentidos ou pelo intelecto.

352. Então, quando diz: "Pois no instante em que alguém aprende pela primeira vez, etc.", ele esclarece o que disse. Sobre isso, faz duas coisas: primeiro, mostra a diferença entre as duas coisas que observou, a saber, a reocorrência da memória e a aquisição (de conhecimento); em seguida, mostra que a reminiscência não é nem a reocorrência da memória nem a aquisição (de conhecimento), nas palavras: "Além disso", é claro, etc." Sobre o primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que a aquisição (de algum objeto cognoscível) não é memória, porque a pessoa que adquire não se lembra; em seguida, mostra, por outro lado, que lembrar não é a aquisição (de algum objeto cognoscível), porque a pessoa que lembra não adquire algo novo, onde diz: "Nem ele adquire, etc."

Portanto, ele diz primeiro que, quando alguém aprende pela primeira vez ou sofre uma apreensão sensitiva, não ocorre memória naquele momento, porque nada reocorre a menos que tenha existido antes; mas nenhuma memória precedeu. Portanto, aprender ou sentir pela primeira vez não é ter uma memória que reocorre.

353. Então, quando diz: "Nem ele adquire, etc.", ele mostra que lembrar não é a primeira aquisição (de algum objeto cognoscível). Sobre isso, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que lembrar não consiste em adquirir conhecimento; em seguida, mostra que não consiste em adquirir

(conhecimento) no primeiro instante, nas palavras: "Além disso, no próprio indivíduo, etc." Assim, ele diz primeiro que a pessoa que lembra não adquire conhecimento da coisa lembrada a partir do primeiro instante.

Visto que a memória é do que está completo, como foi observado acima, só há memória quando o conhecimento, através do modo de um hábito ou pelo menos de uma paixão, já existe como completo. Mas, quando a primeira paixão é formada na aquisição de conhecimento, ela ainda não está completa; portanto, a memória ainda não está presente no homem.

354. Então, quando diz: "Além disso, no próprio indivíduo, etc.", ele mostra que não há memória nem pelo modo de um hábito nem pelo modo de uma paixão no primeiro instante em que o conhecimento é apenas alcançado, pois o conhecimento ainda não se converteu em hábito. A esse respeito, devemos notar o que é provado no sexto livro da *Física*: que uma coisa só é dita completa no instante indivisível que é o termo do tempo que mede o movimento. Ele diz, portanto, que quando o conhecimento foi uma vez alcançado no indivisível, que é o termo do tempo da geração do conhecimento, pode-se dizer que, naquele instante, ele já está no paciente; ou seja, a paixão e a ciência (já estão) naquele que adquire o conhecimento. Não estamos falando estritamente aqui quando aplicamos o nome 'ciência', que propriamente significa um hábito, mas estamos tomando este nome como um termo comum para hábito e paixão. A razão para o que ele diz é esta: é sempre verdade dizer que a coisa gerada existe no instante último de sua geração; por exemplo, no instante último da geração do fogo, o fogo já existe. Assim, quando a ciência existe, nada impede que nos lembremos daquelas coisas que já conhecemos, mas isso é por acidente. Pois não nos lembramos daquelas coisas na medida em que temos ciência delas no presente, pois essencialmente a memória não ocorre antes que o tempo tenha decorrido, ou seja, antes que um tempo intermediário intervenha entre o conhecimento previamente existente e a própria memória. Uma pessoa agora se lembra do que ouviu, viu ou sofreu de qualquer outra forma anteriormente; ela, no entanto, não se lembra agora do que está sofrendo agora. Pois é claro que se diz que alguém está sofrendo agora, pela primeira vez, no último instante da paixão. Portanto, a memória não pode estar naquele momento.

355. Então, quando diz: "Além disso, é claro, etc.", ele mostra ainda que a reminiscência não é nem a reocorrência de uma memória nem a aquisição de algo novo. Ele diz que ficou claro pelo que foi dito anteriormente que lembrar não acontece a uma pessoa que agora reminiscencia; ou seja, não se lembra do que está agora reminiscenciando, mas do que sentiu ou sofreu de qualquer outra forma no primeiro instante. Assim, a reminiscência não é a ocorrência da memória; mas se refere a algo que alguém apreendeu anteriormente.

356. Então, ele diz: "Além disso, é claro, etc.", ele mostra o que é a reminiscência. Ele diz primeiro que a reminiscência é a recuperação da primeira aquisição; em seguida, mostra que nem toda recuperação desse tipo é reminiscência, nas palavras: "E assim, não, etc."

Ele diz primeiro, portanto, que a reminiscência não é a reocorrência de uma memória, pois chamamos de hábito da memória quando algo reocorre que se conheceu ou sentiu pelos sentidos próprios ou pelo sentido comum. Assim como lembrar se refere a um conhecimento previamente alcançado, também reminiscenciar. A reminiscência, no entanto, consiste nisto: que recuperamos uma apreensão anterior de alguma forma, mas não de modo que a reminiscência seja uma

daquelas coisas que foram mencionadas; ou seja, sentidos, memória, fantasia ou ciência; pois lembrar ocorre através da reminiscência, na medida em que a reminiscência é um tipo de movimento em direção ao lembrar. Assim, a memória segue a reminiscência, como um termo (segue) o movimento.

357. No entanto, de acordo com outra forma de entender, a reminiscência segue a memória, pois assim como a investigação da razão é o caminho para o conhecimento de algo, e ainda assim procede de algo conhecido, também a reminiscência é o caminho para a memória de algo, e ainda assim procede de algo lembrado, como ficará evidente adiante.

358. Então, quando diz: "E assim, não, etc.", ele mostra que nem toda reocorrência (do conhecimento) dos sentidos ou da ciência é reminiscência. Ele diz que não é universalmente verdade que a reminiscência seja alcançada sempre que o conhecimento da ciência ou dos sentidos, que foi possuído anteriormente, se renova novamente, pois de uma forma reminiscenciar é o caso naquele que recupera (o conhecimento) dos sentidos ou da ciência, e de outra forma não é. Que isso não é universalmente verdade, ele mostra por isto: acontece que o mesmo homem, após perder, aprende ou descobre uma segunda vez a mesma coisa que possuía anteriormente, mas isso não é reminiscência. Portanto, a reminiscência deve diferir destes, a saber, de aprender ou descobrir uma segunda vez. (Ele também diz) que algo mais está envolvido nela, que é seu ponto de partida, do que é exigido para aprender. No entanto, o que é esse algo mais se torna evidente pelo que segue.

LIÇÃO QUINTA

359. Depois de o Filósofo ter investigado como a reminiscência se relaciona com as outras coisas pertencentes ao conhecimento, ele começa aqui a mostrar o modo de recordar.

Primeiro, mostra o modo de recordar; depois, mostra a diferença entre memória e reminiscência, nas palavras: "As quais, portanto, não são a mesma coisa, etc."

Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas. Primeiro, mostra o modo de recordar com referência às coisas que recordamos; depois, com referência ao tempo, pois a reminiscência diz respeito ao tempo, assim como a memória, e isto (ele mostra) nas palavras: "Mas é necessário saber sobretudo, etc."

Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas. Primeiro, expõe a causa da reminiscência; depois, mostra o modo pelo qual se procede ao recordar, nas palavras: "Sempre que, portanto, estamos recordando, etc." A causa da reminiscência, ademais, é a ordem dos movimentos que permanecem na alma a partir da primeira impressão daquilo que apreendemos.

360. Propondo primeiro esta causa, ele diz, portanto, que as recordações ocorrem porque um movimento naturalmente se nos apresenta após outro, e isso acontece de duas maneiras. De um modo, o segundo movimento segue-se ao primeiro movimento por necessidade; por exemplo, a apreensão de animal segue-se à apreensão de homem por necessidade. Assim, é evidente que, quando a alma é movida pelo primeiro movimento, será movida também pelo segundo. Mas acontece de outro modo, na medida em que o segundo movimento se segue ao primeiro não por necessidade, mas por costume. Assim, por exemplo, alguém está acostumado, depois disto (do primeiro movimento), a pensar, ou falar, ou agir, e então o segundo movimento se segue ao primeiro, não sempre, mas na maioria dos casos; isto é, no mais das vezes, assim como os efeitos naturais se seguem de suas causas no mais das vezes, mas nem sempre.

361. Todavia, o costume de que se fala não se estabelece igualmente em todos os homens. Acontece que alguns, por pensarem uma única vez, fixam o costume mais rapidamente em si mesmos do que outros, ainda que estes últimos pensem na sequência muitas vezes. Isso ocorre ou por causa de maior atenção e conhecimento mais profundo, ou porque sua natureza é mais receptiva e retentiva de uma impressão. Por essa razão também, acontece que certas coisas vistas uma única vez são melhor recordadas por nós do que outras coisas vistas muitas vezes. A razão é que aquelas coisas às quais aplicamos vigorosamente a mente permanecem melhor na memória. Por outro lado, aquelas coisas que vemos ou consideramos superficial e levianamente escapam rapidamente da memória.

362. Depois, quando ele diz: "Sempre que, portanto, estamos recordando, etc.", mostra como a reminiscência procede, pressupondo a ordem de movimentos antes mencionada. Sobre isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra o modo de proceder ao recordar; depois, mostra de onde uma pessoa deve proceder ao recordar, onde diz: "Mas é preciso obter um ponto de partida."

Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas. Primeiro, mostra o modo pelo qual se procede ao recordar; depois, a partir disso, mostra como o recordar e o aprender diferem, o que ele deixara indeterminado acima; e isto (ele mostra) onde diz: "O recordar difere também nisto, etc."

Sobre o primeiro ponto, faz três coisas. Primeiro, expõe o modo de recordar; depois, a partir disso, resolve uma certa dúvida, onde diz: "No entanto, nada é necessário, etc." Finalmente, torna claro o que propôs por meio de sinais, nas palavras: "Donde, mui rapidamente."

Primeiro, portanto, conclui do que foi dito que, assim como um movimento se segue após outro, seja por necessidade, seja por costume, é necessário, quando recordamos, que sejamos movidos por algum desses movimentos até que cheguemos a ser movidos a apreender aquele movimento que costuma seguir-se após o primeiro. Este é o movimento que pretendemos redescobrir ao recordar, porque recordar nada mais é do que a busca de algo que escapou da memória. Assim, ao recordar, caçamos; isto é, buscamos o que se segue de algo anterior que retemos na memória. Pois, assim como quem inquire por demonstração procede a partir de algo anterior que é conhecido, a partir do qual caça algo posterior, que é desconhecido; assim também a pessoa que recorda procede a partir de algo anterior que é retido na memória para redescobrir o que escapou da memória.

363. Ademais, esta primeira coisa a partir da qual a pessoa que recorda começa sua busca é, às vezes, algum tempo conhecido, e, às vezes, alguma coisa conhecida. Com respeito ao tempo, às vezes começa a partir do "agora"; isto é, procedendo do tempo presente para o passado, que busca recordar. Por exemplo, se busca recordar o que fez há quatro dias, pensa deste modo: hoje fiz isto, ontem aquilo, no terceiro dia outra coisa; e assim, seguindo a sucessão de movimentos habituais, chega a descobrir o que fez no quarto dia. Às vezes, começa a partir de algum outro tempo; por exemplo, se alguém retém na memória o que fez há oito dias e esqueceu o que fez há quatro dias, procederá avançando até o sétimo dia, e assim por diante até chegar ao quarto dia, ou retrocederá do oitavo dia ao décimo quinto dia, ou a algum outro tempo passado.

364. De modo semelhante, alguém às vezes recorda começando a partir de alguma coisa que recorda, da qual procede a outra por uma tríplice relação. Uma vez (procede) por razão de semelhança; por exemplo, quando alguém recorda algo sobre Sócrates, e através disso Platão, que é semelhante a ele em sabedoria, lhe ocorre. Outras vezes (procede) por razão de contraste; por exemplo, se alguém recordasse algo sobre Heitor, e através disso Aquiles lhe ocorre. Finalmente, (procede) às vezes por razão de qualquer proximidade; por exemplo, quando alguém está lembrado de "pai" e através disso "filho" lhe ocorre. O mesmo procedimento vale para qualquer outra relação de proximidade, seja de sociedade, de lugar ou de tempo. Pois a recordação se forma na medida em que movimentos desse tipo se seguem uns aos outros.

365. Pois os movimentos de algumas das coisas mencionadas são os mesmos, especialmente os das coisas semelhantes, enquanto os movimentos de outras são simultâneos, a saber, os das coisas contrárias, porque pelo conhecimento de um contrário o outro é simultaneamente conhecido. Às vezes, alguns movimentos têm uma porção de outros, como acontece nas coisas estreitamente relacionadas. Pois algo se observa em cada uma das coisas relacionadas que pertence à outra, e assim aquela parte sobreposta, que é deixada fora de uma apreensão, ainda que seja pequena, segue-se ao movimento da primeira coisa; como resultado, quando a primeira

coisa é apreendida, a segunda ocorre à apreensão como um consequente.

366. Todavia, deve-se notar ainda que às vezes aqueles que buscam encontrar um movimento consequente perdido chegam ao movimento posterior a partir de algum movimento anterior no modo descrito; e isso é propriamente recordar; a saber, quando alguém busca intencionalmente a memória de algumas coisas. Acontece, porém, às vezes, que mesmo aqueles que não estão buscando recordar chegam à memória de alguma coisa, pela razão de que estão procedendo de um movimento anterior a um movimento posterior, como foi descrito.

Dado que o movimento da coisa esquecida se forma na alma após o outro (movimento), e isso acontece "na maioria dos casos"; isto é, no mais das vezes; então, dados os outros movimentos tais como mencionamos; isto é, por semelhantes, contrários e proximidades, aquele segundo movimento é excitado, mesmo quando não era pretendido. Mas isso é chamado de recordação em sentido lato. É, porém, um recordar de modo casual, com uma certa semelhança à reminiscência.

367. Depois, quando ele diz: "No entanto, nada é necessário, etc.", resolve uma certa dúvida com base no que foi dito. Pois poderia surgir uma dúvida (com referência a) por que frequentemente recordamos coisas que estão distantes; por exemplo, coisas que aconteceram muitos anos antes, e não recordamos coisas que são recentes; por exemplo, coisas que ocorreram poucos dias antes.

368. Mas ele (Aristóteles) diz que não é necessário aplicar a mente a isto; isto é, perturbar-se com a dúvida, porque é claro que isso ocorre de algum modo da mesma maneira (como) foi explicado anteriormente. Ele explica retomando o que foi dito; a saber, que acontece às vezes que a alma aprende apreendendo um consequente que havia esquecido, sem recordá-lo por uma investigação ou intenção prévia, pois um movimento se segue a outro por costume. Daí que, excitado o primeiro movimento, o segundo se segue, mesmo que o homem não o pretenda. Ora, assim como isso acontece por costume, sem intenção deliberada, assim também alguém fará isso quando quiser recordar intencionalmente, pois busca elicitar o primeiro movimento ao qual o movimento posterior se segue; porque às vezes acontece que os movimentos das coisas que estão distantes estão mais estabelecidos por causa do costume, portanto, ocasionalmente recordamos mais essas coisas, seja com investigação, seja sem investigação.

369. Depois, quando ele diz: "Donde, mui rapidamente, etc.", manifesta o modo antes mencionado (de proceder) por dois sinais. O primeiro destes ele apresenta dizendo que, porque um movimento consequente provém de um movimento anterior por causa do costume, seja inquirindo, seja não inquirindo, portanto, as recordações se formam mais rápida e perfeitamente quando alguém começa a meditar desde o princípio de todo o assunto, porque os movimentos das coisas na alma se formam em conformidade com a ordem em que as coisas se seguem umas às outras. Assim, por exemplo, quando buscamos algum verso, começamos primeiro pelo princípio.

370. Ele dá o segundo sinal, onde diz: "Aquelas coisas são mais fáceis de recordar, etc." Diz que são mais fáceis de recordar aquelas coisas que são bem ordenadas, como as matemáticas e os teoremas matemáticos, pois estes últimos são concluídos a partir dos primeiros, e assim por diante. Aquelas coisas, porém, que são mal ordenadas são recordadas com dificuldade.

371. Portanto, para recordar ou rememorar bem, podemos aprender quatro lições úteis do que foi dito. Primeiro, é preciso ter o cuidado de reduzir a alguma ordem aquilo que se deseja reter; depois, é preciso aplicar a mente profunda e atentamente a essas coisas; em seguida, é preciso meditar frequentemente (sobre elas) em ordem; finalmente, é preciso começar a recordar a partir do ponto de partida.

LIÇÃO SEXTA

372. Depois que o Filósofo mostrou o modo de recordar, ele explica aqui duas coisas que foram mencionadas acima. A primeira é como o recordar difere do reaprender; a segunda é que é necessário que a pessoa que recorda comece a partir de pontos de partida, nas palavras: "Mas é necessário obter um ponto de partida, etc."

Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas. Primeiro, mostra como a reminiscência difere do reaprender; depois, como a reminiscência difere do redescobrir, nas palavras: "Todavia, muitas vezes, etc."

Sobre o primeiro ponto, deve-se notar que tanto aquele que recorda quanto aquele que reaprende recuperam o conhecimento que foi perdido; mas aquele que recorda o recupera sob a formalidade de memória, com referência, a saber, ao que foi previamente conhecido. Aquele, porém, que reaprende o recupera absolutamente, e não como se fosse de algo previamente conhecido. Ora, como não alcançamos o conhecimento do desconhecido senão a partir de alguns princípios já conhecidos, é necessário que os princípios dos quais procedemos para conhecer o desconhecido sejam do mesmo gênero, como é evidente no primeiro livro dos *Analíticos Posteriores*. Portanto, é necessário que uma pessoa que recorda proceda de coisas lembradas como um ponto de partida a fim de recuperar o conhecimento sob a formalidade de memória, o que não é o caso no reaprender.

373. Portanto, ele diz que a reminiscência difere do reaprender nisto: uma pessoa que recorda tem, de algum modo, a capacidade de ser movida a algo que está conectado a uma coisa anterior retida na memória. Por exemplo, quando alguém, recordando que algo lhe foi dito, mas tendo esquecido quem o disse, usará o que tem em sua memória com o propósito de recordar o que esqueceu. Todavia, quando não consegue recuperar o conhecimento perdido através do ponto de partida retido na memória, mas através de algo diferente que lhe é proposto novamente por um mestre, não é nem memória nem reminiscência, mas aprender de novo.

374. Depois, quando ele diz: "Todavia, muitas vezes, etc.", mostra como o recordar difere do redescobrir. Ele diz que frequentemente um homem não pode recordar agora o que esqueceu, porque os movimentos pelos quais pode chegar ao que busca recordar não permanecem nele. Mas, se buscar (o conhecimento) como que de novo, pode proceder a um conhecimento daquela coisa, e muitas vezes encontra o que está buscando como se estivesse adquirindo conhecimento novamente. Isso acontece quando a alma está pensando em coisas diversas e é movida por muitos movimentos, e se acontece de acertar o movimento com o qual o conhecimento da coisa está conectado, diz-se que a descobre.

375. Portanto, embora possa descobrir, não pode recordar, porque a reminiscência ocorre na medida em que um homem retém interiormente uma certa aptidão ou capacidade de conduzir-se aos movimentos da coisa que busca. Mas isso ocorre quando ele pode conseguir ser movido pelo movimento que perdeu pelo esquecimento; isso (deve acontecer) por si mesmo, e não por alguém

que ensina, como acontece quando reaprende; e a partir de movimentos já possuídos, não de movimentos novos, como quando redescobre, conforme foi dito.

376. Depois, quando ele diz: "Mas é necessário obter um ponto de partida, etc.", mostra que é necessário que a pessoa que recorda comece a partir de um ponto de partida. Sobre isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra o que se propôs a fazer; depois, atribui uma causa do defeito que às vezes sofremos ao recordar, nas palavras: "A causa de alguém ora recordar, etc."

Sobre o primeiro ponto, faz três coisas. Primeiro, expõe o que pretende. Ele diz que é necessário que uma pessoa que deseja recordar tome um ponto de partida do qual comece a ser movida, seja pensando, seja falando, seja fazendo alguma outra (operação).

377. Depois, onde diz: "Por causa disso, etc.", mostra o que disse através de um sinal. Ora, porque é necessário que a pessoa que recorda tome algum ponto de partida do qual comece o processo de reminiscência, (descobrimos que) os homens às vezes parecem recordar a partir dos lugares nos quais as coisas foram ditas, ou feitas, ou pensadas. Usam o lugar como um certo ponto de partida para recordar, porque o acesso ao lugar é um certo ponto de partida para todas aquelas coisas que são feitas no lugar. Por isso, Cícero ensina em sua *Retórica* que, para recordar facilmente, é necessário imaginar certos lugares ordenados nos quais os fantasmas daquelas coisas que desejamos recordar são dispostos em uma certa ordem.

378. Depois, quando ele diz: "Todavia, a causa é, etc.", mostra o que propôs por meio de uma causa, dizendo que a razão pela qual é necessário que a pessoa que recorda tome um ponto de partida é que os homens, por um certo vaguear da mente, passam facilmente de uma coisa a outra por razão de semelhança, ou contrariedade, ou proximidade. Por exemplo, se pensamos ou falamos de leite, passamos facilmente a branco por causa da brancura do leite; e de branco a ar, por causa da claridade do meio transparente da luz que causa a brancura; e de ar ao úmido, porque o ar é úmido, e da umidade chegamos a uma recordação do Outono, ao qual chegamos por razão de contrariedade, porque esta estação é fria e seca.

379. Depois, quando ele diz: "Todavia, parece, etc.", mostra que tipo de ponto de partida a pessoa que recorda deve tomar. Ele diz que o universal parece ser o ponto de partida e o meio pelo qual se pode chegar a tudo. Todavia, o universal de que se fala aqui não é aquele de que se fala na Lógica; a saber, aquilo que é predicado de muitas coisas; mas (é) aquilo a partir do qual se costuma ser movido a coisas diversas. Por exemplo, se alguém, depois (da apreensão) de leite, é movido à brancura e à doçura; e da brancura a outras coisas, como foi mencionado; e depois, novamente, da doçura ao calor digestivo; e ao fogo; e conseqüentemente a outros pensamentos, o leite é como um universal para todos esses movimentos. Ora, é necessário recorrer a este (ponto de partida) se se deseja recordar as conseqüências de qualquer coisa que seja, porque, se não se recorda previamente as conseqüências de algo através de outros pontos de partida subsequentes, ao menos se poderia recordar quando se chega àquele primeiro ponto de partida universal. Ou, se não se recorda então, não se pode recordar de nenhuma outra fonte.

380. Ele dá o exemplo de diversos pensamentos (expressos) por diversas letras: A, B, G, D, E, Z, S e T. Ele enumera estas letras segundo a ordem do alfabeto grego. Contudo, ao recordar, a mesma ordem não é (seguida); mas deve-se conceder que alguém que pensa ou fala de B poderia passar a

A; (pensando ou falando) de A, às vezes a E, às vezes a G, ou às vezes a D, ou às vezes a E; (pensando ou falando) de G, às vezes a I, às vezes a A. Portanto, se alguém não recorda o que está sob G, pode recordar o que está sob E, se chega a E, e a partir dele é movido a duas letras; a saber, a E e a D. Mas talvez não tenha buscado E nem D, mas tenha buscado S ou Z; então, recordará ao chegar a G. Mas como não sabemos se o que buscamos está contido sob E ou sob G, é necessário recorrer a A, que é como um universal com respeito a todas as letras. É sempre necessário proceder desse modo; por exemplo, se B fosse ainda mais universal do que A.

381. Todavia, a disposição mencionada pode ser entendida de outro modo, de maneira que se venha de A diretamente a G, mas lateralmente (de) B a A, de G lateralmente a I, e daqui, então, diretamente a T, do qual (se poderia chegar) a D e E. Portanto, ele (Aristóteles) diz que se alguém recorda em E, que é a última, chega a T, que é precedente. Se, porventura, não recorda em T, porque o que busca não está contido sob ele, recorrerá a G, sob o qual certas outras (letras) estão contidas; por exemplo, A e Z; e depois disso a A, como foi dito, sob o qual B também está contido. Isso pode ser observado na linha proposta.

382. Depois, quando ele diz: "A causa de uma pessoa ora recordar, etc.", atribui a causa do defeito que as pessoas que recordam sofrem. Primeiro (considera) o caso de não recordar de modo algum; e, em segundo lugar, o caso de uma recordação defeituosa, onde diz: "E uma vez que, etc."

Portanto, ele diz primeiro que, porque acontece que, a partir do mesmo ponto de partida do qual alguém é movido a coisas diversas, é movido mais frequentemente a uma do que a outra; portanto, mesmo dado o mesmo ponto de partida, os homens às vezes recordam e às vezes não. Por exemplo, se alguém fosse movido de G a E e D, (será movido) mais vezes a um do que a outro. Onde, dado este (ponto de partida), recorda facilmente aquilo em direção ao qual está mais frequentemente acostumado a ser movido. Mas, se não é movido pelo "caminho antigo"; isto é, por aquele pelo qual está mais acostumado a ser movido, é movido por um caminho menos acostumado; e, portanto, não recorda facilmente, porque o costume é, por assim dizer, uma espécie de natureza. Pois, assim como as coisas que existem por natureza são formadas e reparadas facilmente — porque as coisas retornam rapidamente à sua própria natureza pela inclinação da natureza (como é evidente pela água quente que retorna rapidamente ao frio) —, assim também recordamos facilmente as coisas que consideramos muitas vezes pela inclinação do costume.

383. Ele mostra que o costume é como uma natureza por isto: assim como na natureza há uma certa ordem pela qual algo vem a ser depois de algo outro, assim também, quando muitas atividades se sucedem umas às outras em uma ordem, produzem uma espécie de natureza. Isso ocorre especialmente nas atividades dos animais, em cujos princípios (de ação) uma coisa está imprimindo, e outra está recebendo a impressão dos sentidos. Portanto, aquelas coisas que vimos ou ouvimos frequentemente são mais firmemente fixadas na imaginação à maneira de uma espécie de natureza. Assim, por exemplo, a multiplicação da impressão de um agente natural opera em direção à forma que é a natureza da coisa.

384. Depois, quando ele diz: "Visto que naquelas coisas que estão no âmbito da natureza, etc.", mostra a razão pela qual às vezes recordamos defeituosamente. Ele diz que, assim como naquelas coisas que são segundo a natureza, algo pode ocorrer que está fora da natureza, o que acontece

por acaso ou fortuna, como se vê nas partes dos animais, assim, muito mais, algo irregular e fora da intenção ocorre naquelas coisas que são segundo o costume, o qual, embora imite a natureza, carece, contudo, de sua firmeza. Portanto, mesmo nesta matéria; isto é, nestas coisas que recordamos pelo costume, o recordar opera de modo diferente em ocasiões diferentes, e isso acontece por causa de algum impedimento; por exemplo, quando alguém é distraído "daí"; isto é, do curso acostumado para algum outro. Isso é evidente no caso daqueles que dizem algo de memória, pois, se sua imaginação é distraída para algo diferente, perdem o que deveriam dizer ou o dizem defeituosamente. Por esta razão, quando alguém precisa recordar algum nome ou alguma palavra, produz a palavra de um modo diferente daquele que conhece (conserva).

385. Finalmente, ele resume a seção (dizendo) que a reminiscência ocorre segundo o modo antes mencionado.

LIÇÃO SETE

386. Agora que o Filósofo mostrou o modo de recordar do ponto de vista das coisas recordadas, ele determina aqui o modo de recordar do ponto de vista do tempo.

Primeiro ele expõe o que pretende; em seguida, mostra o que se propôs a fazer, nas palavras: "Há algo, etc." Ele diz, portanto, primeiro, que ao recordar é especialmente necessário conhecer o tempo; ou seja, o tempo passado, que é o objeto da memória, da qual a recordação é a busca. No entanto, o tempo passado é às vezes conhecido por quem recorda sob uma certa medida; por exemplo, quando sabe que sentiu esta coisa há algum tempo, três dias atrás; e às vezes indefinidamente; ou seja, indeterminadamente; por exemplo, se recorda que sentiu isto em algum momento ou outro.

387. Então, quando diz: "Há algo, etc.", ele mostra o que se propôs a fazer. Primeiro ele mostra como a alma conhece a medida do tempo; em seguida, mostra a proposição principal; ou seja, que conhecer o tempo é necessário a quem recorda, onde diz: "Quando, portanto, (o movimento) de uma coisa, etc." Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra o que se propõe a fazer; em seguida, apresenta uma certa questão, nas palavras: "Pois como difere, etc."

Ele diz, portanto, primeiro, que há algo na alma pelo qual ela julga a maior e a menor medida do tempo. (O fato) de que há (algo na alma) que julga sobre o tempo é razoável, pois ela julga sobre grandezas físicas, que a alma entende; o 'grande'; por exemplo, em relação à quantidade de corpos visualizados, e o 'distante' com respeito à extensão da distância local. A quantidade de tempo, que é medida de acordo com a distância do instante presente (nunc), é proporcionada a isso.

388. No entanto, a alma conhece grandezas deste tipo não estendendo o entendimento sobre elas, como se a alma conhecesse grandezas tocando-as com o intelecto. Ele parece dizer isso por causa de Platão, como é evidente no primeiro livro Sobre a Alma. Por este modo também, algumas pessoas dizem que a visão é efetuada, porque um raio percorre toda a distância até a coisa vista, como foi mencionado no segundo livro Sobre o Sentido e o Sensível. Mas é impossível que as grandezas sejam conhecidas pela alma por contato com o entendimento, porque em tal caso a alma não poderia entender senão grandezas existentes; enquanto na verdade ela entende grandezas que não existem. Pois nada impede a alma de entender o dobro da quantidade dos céus. Portanto, a alma não conhece a grandeza estendendo-se sobre a coisa, mas sim, porque um certo movimento da coisa sensível refletido na alma é proporcional à grandeza exterior. Pois existem na alma certas formas e movimentos semelhantes às coisas pelos quais ela conhece as coisas.

389. Então, quando diz: "Pois como difere, etc.", ele resolve uma certa questão sobre o que foi dito. Sobre isso ele faz três coisas. Primeiro ele expõe a questão; em seguida, a resolve, nas palavras: "Ou porque, etc."

Finalmente ele exemplifica a solução com letras, dizendo: "Assim, portanto, etc."

Visto que a alma conhece a magnitude pela imagem que possui da magnitude, ele busca primeiro, portanto, como essa maneira difere da maneira pela qual ela conhece a magnitude maior e menor. Pois não parece ter uma imagem diferente porque não difere em espécie.

390. Então, quando ele diz: "Ou porque, etc.", ele resolve a questão. Ele diz que a alma, por uma figura ou forma semelhante, entende o menor; i.e., uma quantidade menor, assim como por uma forma semelhante conhece a magnitude maior. Pois as formas e movimentos interiores correspondem proporcionalmente às magnitudes exteriores, e talvez a situação em relação a magnitudes, distâncias, lugares e tempos seja a mesma que a das espécies de coisas. Portanto, assim como há diversas imagens e movimentos no conhecedor que respondem proporcionalmente a diversas espécies de coisas; e.g., a um cavalo ou a uma vaca, também há diversas imagens correspondentes a diversas quantidades.

391. Então, quando ele diz: "Assim, portanto, etc.", ele mostra essa proporção diversa com um exemplo em letras. Para esclarecer isso, deve-se notar que, porque ele disse acima que no entendimento há figuras e movimentos semelhantes proporcionados às coisas, ele usa aqui o exemplo da semelhança de figuras, como os geômetras a utilizam. Eles chamam figuras semelhantes quando seus lados são proporcionais e seus ângulos são iguais, como é evidente no sexto livro de Euclides.

392. Portanto, desenha-se o triângulo BAE, cuja base é BE. Então, a partir de um ponto marcado G dentro de BA, traça-se uma linha GD equidistante da base até o outro lado; e, da mesma forma, uma linha equidistante da base traçada no triângulo GAD. Ora, foi demonstrado no primeiro livro de Euclides que uma linha reta caindo sobre duas paralelas tem ângulos opostos iguais. Portanto, o ângulo AGB é igual a AEB, e o ângulo ADG é igual ao ângulo AEB, mas o ângulo A é comum. Os três ângulos do triângulo AGD, portanto, são iguais aos ângulos do triângulo BAE; portanto, as linhas subentendidas pelos ângulos iguais são proporcionais de acordo com a quarta proporção no sexto livro de Euclides. Portanto, a proporção de AB para AG é a mesma que a proporção de BE para CD; portanto, alternadamente, a proporção de AB para BE é a mesma que a proporção de AG para GD; e assim os dois triângulos mencionados são figuras semelhantes. Ora, pela linha AB e suas partes, entendem-se os movimentos da alma pelos quais a alma conhece. Então, pelas linhas BE, GD e ZI, que são as bases do triângulo, entendem-se diversas quantidades, diferindo em grandeza e pequenez.

393. Portanto, ele conclui por este exemplo: se a alma é movida de acordo com o movimento AB para conhecer a quantidade BE, este movimento por si mesmo fará com que a quantidade GD seja conhecida, porque o movimento AG, que está contido em AB, e a magnitude GD, estão relacionados na mesma proporção que o movimento AB e a magnitude BE.

394. Mas então a questão que foi levantada acima reaparecerá, já que é necessário mais para conhecer a quantidade GD, que é maior, do que para conhecer a quantidade ZI, que é menor.

395. Para que isso pudesse ser visto mais explicitamente, ele toma movimentos distintos, um dos quais não está contido no outro. Portanto, tome-se uma linha KM dividida no ponto T de tal forma

que haja a mesma proporção de KT para IM que da linha AG (pela qual a quantidade GD é conhecida) para a linha AB (pela qual BE é conhecida). Assim, ao mesmo tempo, a alma é movida de acordo com esses movimentos, porque assim como a quantidade GD é conhecida pelo movimento AB, também é conhecida pelo movimento KT. Ora, assim como a quantidade BE é conhecida pelo movimento AB, também é conhecida pelo movimento TM. Se alguém deseja conhecer a quantidade ZI pelo movimento AZ, é necessário que GZ seja subtraído de AG, assim como GB é adicionado a ele para conhecer a quantidade BE. Mas se desejamos tomar movimentos distintos, será necessário tomar TE no lugar dos dois movimentos KT e TM, de modo que seja G e M. Os outros dois movimentos são traçados no mesmo ponto (como antes); um é KL e o outro LM, de modo que a linha KM é dividida no ponto L, e de tal forma que a proporção de KL para LM seja a mesma que a de AZ para AB. Donde, assim como ele conhece a quantidade BE pelo movimento LM, assim, pelo movimento KL ele conhece ZI. Assim está demonstrado.

396. Então, quando ele diz: "Portanto, etc.", ele mostra a proposta principal. Primeiro ele mostra que é necessário que a pessoa que recorda conheça o tempo; em seguida, ele mostra um duplo modo de conhecer o tempo, nas palavras: "O que, de fato, é do tempo, etc."

Portanto, ele diz primeiro que quando um movimento do objeto a ser lembrado e do tempo passado ocorre na alma ao mesmo tempo, há então um ato de memória. Mas se alguém pensa estar assim disposto, e não é colocado no estado de memória dessa maneira, porque ou o movimento da coisa ou o movimento do tempo está faltando, ele não se lembrou. Pois nada impede que haja uma representação errônea na memória; e.g., quando parece a alguém que se lembra, e (no entanto) não se lembra, porque o tempo passado lhe ocorre, mas não a coisa que viu, e sim outra em seu lugar. Às vezes alguém se lembra e não pensa que se lembra. Isso lhe é oculto simplesmente porque o tempo não lhe ocorre, mas apenas a coisa, pois, como foi dito acima, lembrar é visar o fantasma de alguma coisa como imagem de algo previamente apreendido. Portanto, se o movimento da coisa é feito sem o movimento do tempo, ou vice-versa, ele não recorda.

397. Então, quando ele diz: "O que, de fato, é etc.", ele mostra os diversos modos pelos quais as pessoas que recordam conhecem o tempo. Pois às vezes alguém se lembra do tempo, mas não sob uma medida definida; e.g., não que fez algo anteontem, mas que o fez em algum momento. Por outro lado, às vezes alguém se lembra sob uma medida de tempo passado, embora não sob uma medida definida. Pois os homens costumam dizer que se lembram de algo como passado, mas não sabem quando foi, porque não conhecem a extensão do tempo; i.e., a medida. Isso acontece devido a um movimento fraco, como é o caso das coisas que são vistas de longe e são conhecidas indeterminadamente.